

2

Chamava-se Calius saj Leeloo, a Cidade do Cristal Brilhante de Berchest, e transformara-se numa das maravilhas da Galáxia. Era mesmo um gigantesco diamante, circundado pela espuma do mar vermelho-alaranjado de Leefari. Fora lapidada no cristal a duras penas durante décadas por artistas locais, cujos descendentes continuaram a guiar e estimular seu lento crescimento.

Na época da Velha República Calius, o local havia sido um grande ponto turístico, com a população vivendo confortável do dinheiro deixado pelos milhões de seres que a visitavam e a seus arredores. Porém, o caos das Guerras Clônicas e a ascensão subsequente do Império deixaram marcas indeléveis e Calius foi forçada a voltar-se para outras fontes de renda.

Entretanto, a época dos turistas deixara um saldo de rotas comerciais bem estabelecidas entre Berchest e os centros maiores. A solução óbvia, portanto, foi Calius transformar-se em entreposto comercial; e embora ainda não tivessem atingido o nível de Svivren, ou Ketaris, seus habitantes conseguiram um grau razoável de sucesso intermediando mercadorias, das mais diversas, oriundas do espaço sideral.

O único inconveniente é que localizava-se dentro das fronteiras do Império e naquele exato momento, um batalhão das tropas de choque abria caminho pela avenida principal apinhada de gente; as armaduras brancas refletindo o avermelhado dos edifícios ao redor. Dando um passo para afastar-se deles, Luke Skywalker puxou o capuz sobre o rosto. Não percebeu nenhum sinal de alerta nos soldados, mas quando se estava entre as linhas do Império, não se podia correr risco algum. Os inimigos passaram sem mais do que um olhar ocasional e, com um suspiro de alívio, Luke voltou a contemplar a cidade. Entre os soldados, havia tripulantes em folga de serviço e contrabandistas esperançosos de conseguir um bom negócio. A atmosfera opressiva, comercial e estranha, contrastava com a beleza serena da pequena metrópole.

E em algum lugar daquela beleza serena escondia-se algo bem mais perigoso do que meros soldados das tropas de choque. Um grupo de clones.

Pelo menos era o que acreditava a Inteligência da Nova República. Interpretações trabalhosas, de milhares de mensagens interceptadas do Império, apontavam Calius e o sistema Berchest como um dos pontos de transferência da remessa de duplicatas humanas que começavam a tripular as naves e transportes militares da máquina bélica do Grande Almirante Thrawn.

Aquele fluxo de clones precisava ser contido com rapidez. Isto significava descobrir a localização dos tanques de clonagem e destruí-los. O que implicava seguir as rotas de tráfego de um ponto conhecido. O passo seguinte seria verificar se os clones de fato passavam por Calius.

Um grupo de homens vestidos com túnicas de comerciantes de Svivreni virou uma esquina dois quarteirões adiante e, como tinha feito tantas vezes durante os últimos dois dias, Luke projetou a Força para senti-los. Uma rápida verificada foi suficiente; não apresentavam a aura diferente que percebera nos soldados clones que o atacaram, a bordo do *Katana*.

Enquanto refreava a consciência, algo mais chamou sua atenção. Alguma coisa que quase deixara passar, perdido no caos de pensamentos humanos e alienígenas ao redor, como pequenos pedaços de vidro colorido numa tempestade de areia. Uma inteligência fria e calculista, que Luke sabia ter encontrado antes, porém não conseguia identificar devido à torrente de pensamentos que o envolvia.

O possuidor da mente estava consciente de sua presença em Calius, claro. E o vigiava.

Só, em território inimigo, com a nave estacionada a dois quilômetros de distância, no espaçoporto de Calius, tendo como única arma um sabre-laser que o identificaria no instante em que fosse acionado, não se podia dizer que a situação fosse boa. Mas a Força estava com ele... e no cômputo geral, entre o bem e o mal, igualava as chances.

Alguns metros para a direita localizava-se a entrada para um túnel de pedestres. Dirigindo-se para lá, Luke apertou o passo, buscando na

memória o mapa da cidade, para saber onde desembocava aquela passagem. Lembrou-se que seria levado ao outro lado do rio congelado que cruzava a cidade, rumo a parte mais alta que dominava o mar, habitada pelas classes mais abastadas. Atrás de si, percebeu um desconhecido tomando o mesmo caminho e, à medida que deixava para trás os turbilhões de pensamentos da multidão, conseguiu identificar o perseguidor.

A situação não era tão ruim como imaginara. Contudo, havia perigo em potencial. Suspirando, Luke parou e esperou. A curva suave do túnel ocultava as duas entradas e seria um bom lugar para um confronto.

Seu perseguidor chegou ao final da curva. Como se antecipasse que a presa pudesse surpreendê-lo, parou antes de se expor. Projetando a Força, Luke notou que o desintegrador era sacado do coldre...

— Tudo bem — murmurou ele. — Estamos sozinhos. Pode sair.

Houve uma breve hesitação e Luke viu a surpresa. Em seguida, Talon Karrde apareceu.

— Estou vendo que o Universo não deixa de me surpreender a cada dia — comentou ele, inclinando a cabeça numa saudação abreviada; depois guardou a arma no coldre. — Pela maneira que vinha agindo, achei mesmo que seria um espião da Nova República. Todavia tenho de admitir que você era a última pessoa que eu esperava encontrar.

Luke observou-o, tentando saber o que pensava. Da última vez que se avistaram, logo depois da batalha do *Katana*, o outro enfatizara que ele e seu grupo de contrabandistas permaneceriam neutros na guerra.

— E o que pretendia fazer?

— Não tinha a menor intenção de entregar você, se é o que quer saber — afirmou Karrde. — Se não fizer diferença, prefiro continuar andando. O povo daqui não costuma conversar nos túneis de pedestres por muito tempo. E nossas vozes são ouvidas bem longe, no túnel.

E se houvesse uma emboscada esperando por eles do outro lado? Nesse caso, Luke saberia a tempo.

— Para mim está ótimo — concordou e fez um gesto para que o outro o precedesse.

Karrde sorriu, assumindo a dianteira.

— Você não confia em mim, não é?

— Deve ser influência de Han. Ou talvez, sua. Ou talvez de Mara — desculpou-se Luke, caminhando ao lado do outro, percebendo uma preocupação sutil à menção do nome.

— Por falar em Mara, como vai ela?

— Está quase recuperada — informou Luke. — Os médicos me disseram que curar esse tipo de dano neurológico não é difícil, contudo leva tempo.

Karrde concordou, fitando a entrada do túnel.

— Fico agradecido que tenham tomado conta de minha amiga. Nossas instalações médicas não conseguiriam lidar com esse tratamento — declarou.

— Era o mínimo que poderíamos fazer, depois da ajuda que nos deram com o *Katana*.

— Pode ser.

Atingiram o final do caminho e entraram numa rua mais vazia do que a anterior. A frente e acima deles, podiam observar as três torres esculpidas do quartel-general do governo, dominando a vista do mar. Usando a Força, Luke verificou as pessoas que passavam. Nada.

— Está indo para algum lugar em particular? — indagou a Karrde.

— Não. Só estou dando uma volta pela cidade. E você?

— A mesma coisa — respondeu o Jedi, procurando imprimir à voz o mesmo tom casual do outro.

— E também encontrar um ou dois rostos familiares? Isso significava que Karrde sabia porque estava ali. Aquilo não deveria surpreendê-lo.

— Se estiverem aqui, posso encontrá-los. Suponho que não tenha nenhuma informação útil para mim?

— Talvez... tem dinheiro suficiente para pagar por ela?

— Conhecendo seus preços, é provável que não — refutou Luke. — Entretanto poderia estabelecer uma linha de crédito quando voltar...

— Se voltar — lembrou Karrde. — Considerando quantos soldados do Império existem entre você e uma área segura, diria que não é um bom investimento no momento.

— Assim como você que está no alto da lista de contrabandistas mais procurados pelo Império? — contestou Luke.

— Acontece que Calius é um dos poucos lugares onde estou a salvo. O governador de Berchest e eu nos conhecemos há alguns anos. Na verdade, existem certos itens importantes para ele que só eu posso conseguir.

— Artigos militares?

— Já disse que não faço parte de sua guerra, Skywalker — lembrou Karrde, com frieza. — Sou neutro e tenha a intenção de permanecer assim. Pensei que tivesse sido bem claro para você e sua irmã.

— Sim, não se preocupe. Só pensei que os eventos do mês passado pudessem tê-lo feito mudar de idéia.

A expressão de Karrde não se alterou, entretanto Luke percebeu uma certa contrariedade.

— Não estou gostando que o Grande Almirante Thrawn tenha acesso a uma fábrica de clonagem — admitiu o contrabandista. — Isso tem o poder de alterar o equilíbrio a favor dele, a médio prazo, e nenhum de nós deseja que isto aconteça. Contudo estão exagerando o problema.

— Não sei o que chama de exagerar — alertou Luke. — O Império conseguiu a maior parte dos duzentos cruzadores Dreadnaught da Frota *Katana* e agora têm um suprimento ilimitado de tripulantes.

— Eu não usaria a palavra ilimitado — discordou Karrde. — Os clones só podem ser produzidos a uma velocidade limitada, se se pretende confiar a eles naves de combate. Um ano por clone, no mínimo, se bem me lembro da velha regra.

Um grupo de cinco vaathkree passou à frente deles pela rua larga. Até então o Império só clonara humanos, no entanto Luke os verificou, da mesma forma. De novo, nenhum resultado.

— Um ano por clone, você diria?

— No mínimo. Os documentos de antes das Guerras Clônicas que examinei sugerem três a cinco anos como o período apropriado. Mais rápido do que o ciclo humano, com certeza, mas difícil o suficiente para causar pânico.

Luke olhou para as torres esculpidas, translúcidas e alaranjadas, contrastando com as nuvens imaculadas e brancas sobre o mar.

— O que diria se revelasse que os clones que nos atacaram no *Katana* foram produzidos em menos de um ano? — indagou Luke.

— Depende de quanto tempo menos — afirmou Karrde, dando de ombros.

— O ciclo completo durou de quinze a vinte dias. O contrabandista parou e olhou para Luke.

— Pode repetir?

— Quinze a vinte dias.

Por um instante Karrde fitou-o. A seguir, voltou-se devagar e continuou a caminhar.

— É impossível. Deve haver algum erro nesse cálculo.

— Se quiser posso conseguir uma cópia dos relatórios. Os olhos do contrabandista perderam-se à distância, antes de responder.

— Isso explicaria Ukio.

— Ukio?

— Você não sabe? Há dois dias, o Império lançou um ataque múltiplo sobre os setores de Abrion e Dufilvian. Danificaram várias bases militares em Ord Pardron e capturaram o sistema Ukio.

Luke sentiu um frio no estômago. Ukio era um dos cinco maiores produtores de alimentos para a Nova República. As repercussões só no setor de Abrion seriam nefastas.

— Ukio foi muito danificado? — quis saber o Jedi.

— Parece que não. Minhas fontes informaram que foi tomado com todos os armamentos de defesa espacial intactos.

— Pensei que isso fosse impossível.

— Um dos requisitos para a escolha dos Grandes Almirantes era a vontade de realizar o impossível — afirmou Karrde. — Ainda não tenho os detalhes do ataque, mas deve ser interessante saber como fizeram.

Esse fato significava que Thrawn tinha os Dreadnaught do *Katana*, os homens para tripulá-los e agora conquistara a possibilidade de alimentar seus clones.

— Isto representa o começo de uma série de ataques — ponderou Luke.

— O Império está se preparando para lançar uma ofensiva em grande escala.

— Parece que sim... cá entre nós, acho que você é muito bom em seu trabalho.

Luke estudou o outro. Estava calmo, contudo a sensação interna havia mudado.

— E nada disso faz você mudar de idéia, Karrde?

— Não pretendo me juntar à Nova República, Skywalker. Por vários motivos. Um deles é que não confio em todos os que participam de seu governo.

— Acho que Fey'lya já está bastante desacreditado...

— Não estou me referindo apenas a Fey'lya — interrompeu Karrde. — Sabe tão bem quanto eu o conceito que os mon calamari têm a respeito de contrabandistas. Agora que o almirante Ackbar assumiu outra vez o posto no Conselho e como Comandante Supremo, todos nós, do ramo, vamos precisar tomar mais cuidado.

— Que é isso? Está achando que Ackbar vai ter tempo de pensar em contrabando?

— Na verdade, não — admitiu o contrabandista. — Mas também não estou disposto a arriscar minha vida.

— Muito bem. Então vamos manter nossas relações no campo comercial. Precisamos saber sobre os movimentos e os planos do Império, que é interessante para você também. Podemos comprar essas informações?

Karrde considerou a idéia.

— Talvez... Mas apenas se eu tiver a palavra final sobre o que vou passar a você. Não quero transformar meu grupo numa célula da Inteligência da Nova República.

— Concordo. Vou estabelecer uma linha de crédito logo que voltar — afirmou Luke, pensando que não conseguira o que esperava, mas era melhor do que nada.

— Talvez a gente possa começar com uma troca direta de informações — sugeriu Karrde, olhando para os prédios de cristal ao redor. — O que está procurando em Calius?

— Vou fazer mais do que isso. E se eu confirmar que os clones estão por aqui? — Ofereceu Luke, sentindo um toque distante na cabeça.

— Onde?

— Naquela direção... a mais ou menos meio quilômetro — falou Luke, apontando para a direita e à frente. — E difícil saber com precisão.

— Dentro de uma das torres — estimou Karrde. — Bem seguro e fora da vista de olhos curiosos. Imagino se existe algum modo de entrar para dar uma olhada.

— Espere um pouco! Estão se movendo — disse Luke, franzindo a testa, num esforço evidente para manter o contato.

— Estão se dirigindo... não na nossa direção, mas para perto daqui.

— Talvez estejam indo ao espaçoporto. E provável que usem a rua Mavrille... dois quarteirões naquele lado.

Regulando a velocidade da caminhada entre a urgência e a necessidade de não chamarem atenção, os dois levaram três minutos para atingir o espaçoporto.

— Vão usar uma nave de carga ou mesmo de passageiros — afirmou Karrde, enquanto paravam num local de onde poderiam avistar a rua sem o perigo de serem atropelados pelos transeuntes apressados. — Um transporte militar chamaria muita atenção.

Luke concordou. Recordando a planta da cidade, lembrou-se de que Mavrille era uma das ruas largas o bastante para permitir o uso de veículos.

— Gostaria de ter trazido binóculos — murmurou ele.

— E melhor assim. Você já chama bastante atenção do jeito que está — aconselhou Karrde, esticando o pescoço para espiar por sobre a multidão. — Algum sinal deles?

— Com certeza dirigem-se para cá — afirmou Luke, projetando a Força e tentando distinguir a presença dos clones em meio a um mar de pensamentos. — Uns vinte ou trinta, eu diria.

— Um ônibus fechado, então. Vem vindo um lá longe... atrás daquele turbocaminhão Trast — indicou Karrde.

Luke respirou fundo, utilizando o máximo da Força. Estremeceu.

— Estou vendo. São eles.

— Preste atenção, podem ter deixado alguma janela de ventilação aberta.

O ônibus avançou na direção deles, flutuando em seus repulsorlifts, até parar, a cerca de um quarteirão. O turbocaminhão decidira que estava na hora de fazer a curva, e a realizou da forma mais vagarosa possível, parando o tráfego atrás dele.

— Espere aqui — pediu Karrde, mergulhando na corrente de pedestres que seguiam naquela direção.

Luke ficou observando a área, os sentidos alertas para o fato de ele ou Karrde serem reconhecidos. Se tudo aquilo fosse uma armadilha, agora seria o momento ideal para atacar.

O turbocaminhão completou a curva e o ônibus prosseguiu. Passou por Luke, desaparecendo em poucos segundos ao redor de uma das construções de cristal avermelhado. Recuando para a travessa atrás de si, Luke aguardou nas sombras alguns minutos, até que Karrde retornasse.

— Duas janelas estavam abertas, porém não consegui enxergar muita coisa lá dentro. E você?

Luke balançou a cabeça, numa negativa.

— Também não pude ver nada, mas tenho certeza de que eram eles.

Por um instante, Karrde ficou pensativo. Depois assentiu.

— Certo. E agora?

— Vou ver se consigo decolar antes — informou o Jedi. — Se puder rastrear o vetor de hiperespaço deles, talvez possa estabelecer a direção geral. Embora duas naves com certeza fizessem melhor esse trabalho...

Karrde sorriu.

— Você vai me desculpar se eu recusar a oferta, mas voar ao lado de um agente da Nova República não é o que chamo de neutralidade — afirmou Karrde, olhando por sobre o ombro de Luke, para a rua além. — De qualquer forma, creio que prefiro descobrir alguma coisa por aqui. Ver se consigo identificar o ponto de origem.

— Boa idéia — concordou Luke. — E melhor eu correr até o espaçoporto para decolar logo.

— Manterei contato — despediu-se Karrde. — E veja se abre uma linha de crédito bem gorda.

Em pé, à janela da Torre Número Um do Governo Central, o governador Staffa baixou o macrobinóculo.

— Era ele mesmo, Fingal. Não tenho a menor dúvida. O próprio Luke Skywalker — declarou esfregando as mãos e olhando para o homenzinho curvado a seu lado.

— Acredita que tenha reparado no nosso transporte especial? — indagou Fingal, ajustando o próprio macrobinóculo.

— Claro que sim. Por que acha que foi correndo à rua Mavrille?

— Só pensei que...

— Então não pense, Fingal — cortou o governador. — Não acredito que esteja preparado para isto.

Staffa caminhou até sua escrivaninha, largou o macrobinóculo numa gaveta e apanhou a prancheta de leitura referente às ordens do Grande Almirante Thrawn. Tratava-se de uma ordem bizarra, em sua opinião, ainda mais peculiar do que as misteriosas transferências de tropas que o Alto Comando Imperial vinha fazendo através de Calius, recentemente. Contudo, nas circunstâncias em que se encontrava, não tinha escolha a não ser acreditar que Thrawn sabia o que estava fazendo.

— Quero que envie uma mensagem ao destróier estelar *Quimera* — ordenou Staffa a Fingal, acomodando-se na poltrona, com a prancheta no colo. — Codificado, de acordo com as instruções: Informo ao Grande Almirante Thrawn, que Skywalker esteve em Calius e que eu tive oportunidade de observá-lo próximo ao ônibus especial. De acordo com as instruções recebidas do Grande Almirante Thrawn, foi permitido que partisse de Berchest sem ser incomodado.

— Certo, governador — respondeu Fingal, fazendo anotações em sua prancheta, sem demonstrar surpresa. — E quanto ao outro homem, governador? O que estava com Skywalker, lá embaixo.

Staffa passou a mão no queixo. O preço pela cabeça de Talon Karrde atingia quase cinquenta mil, uma bela quantia de dinheiro; uma quantia que nem mesmo um homem com salário de governador planetário seria capaz de recusar. Sempre soubera que chegaria o momento de terminar suas discretas relações comerciais com Karrde. Talvez fosse chegada a hora.

Mas, não. Ainda não. A guerra ainda se espalhava pela Galáxia. Mais tarde, quando a vitória estivesse próxima e as fontes de

abastecimento mais seguras... quem sabe! Sim, aguardaria mais um pouco.

— O outro homem não tem importância — disse a Fingal. — É um agente especial que designei para ajudar a seguir Skywalker. Pode esquecê-lo. Continue seu trabalho. É preciso codificar e enviar a mensagem.

— Sim, senhor.

O painel deslizou, e por um segundo, quando o homenzinho virou-se, Staffa teve a impressão de ver um brilho malévolo e inteligente nos olhos escuros do subordinado. Um efeito da luz ambiente, pensou o governador. Ao lado da lealdade indiscutível de Fingal, sua qualidade mais evidente era a também indiscutível falta de imaginação.

Respirando fundo, Staffa tentou esquecer Fingal, espiões rebeldes, e até mesmo o Grande Almirante. A seguir, recostou-se na cadeira e começou a considerar como utilizaria o carregamento que o pessoal de Karrde estava desembarcando no aeroporto.